



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**ANGÉLICA DE ARAÚJO BARROS**

**CORDEL E JORNALISMO: INTERFACES DA INFORMAÇÃO NO GÊNERO  
LITERÁRIO POPULAR**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

ANGÉLICA DE ARAÚJO BARROS

**CORDEL E JORNALISMO: INTERFACES DA INFORMAÇÃO NO GÊNERO  
LITERÁRIO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo),  
apresentado ao Departamento do Curso de  
Comunicação Social da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharela em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Me. Rafael de Araújo Melo

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277c Barros, Angelica de Araujo.  
Cordel e jornalismo: interfaces da informação no gênero literário popular [manuscrito] / Angelica de Araujo Barros. - 2023.  
21 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.  
"Orientação : Prof. Me. Rafael de Araújo Melo, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."  
1. Cordel. 2. Jornalismo. 3. Jornalismo popular. 4. Jornalismo no cordel. I. Título  
21. ed. CDD 070.1

ANGÉLICA DE ARAÚJO BARROS

**CORDEL E JORNALISMO: INTERFACES DA INFORMAÇÃO NO GÊNERO  
LITERÁRIO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo),  
apresentado ao Departamento do Curso de  
Comunicação Social da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharela em Jornalismo.

Aprovada em: 22/11/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Rafael de Araújo Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

|            |  |           |
|------------|--|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                   | <b>5</b>  |
| <b>2</b>   | <b>CORDEL.....</b>                       | <b>6</b>  |
| <b>2.1</b> | <b>Jornalismo no cordel.....</b>         | <b>6</b>  |
| <b>3</b>   | <b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....</b> | <b>8</b>  |
| <b>4</b>   | <b>GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....</b>        | <b>9</b>  |
| <b>5</b>   | <b>LINGUAGEM E ESTRUTURA.....</b>        | <b>9</b>  |
| <b>6</b>   | <b>METODOLOGIA.....</b>                  | <b>10</b> |
| <b>7</b>   | <b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>      | <b>11</b> |
| <b>8</b>   | <b>CONCLUSÃO.....</b>                    | <b>15</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                  | <b>17</b> |
|            | <b>ANEXOS.....</b>                       | <b>18</b> |

# **CORDEL E JORNALISMO: INTERFACES DA INFORMAÇÃO NO GÊNERO LITERÁRIO POPULAR**

Angélica de Araújo Barros<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Considerando a importância da literatura de cordel na comunicação nordestina como um todo e a produção de cordelistas paraibanos, o presente estudo tem o objetivo de avaliar aspectos jornalísticos no cordel e identificar semelhanças entre os cordéis noticiosos ou de ocasião, com o texto jornalístico. Para isso, foi necessário explorar a produção de cordelistas paraibanos sobre temas que atendam a critérios de noticiabilidade, verificar e catalogar os gêneros jornalísticos dentro do cordel e analisar a estrutura de construção narrativa e linguística do cordel em comparação com o jornalismo. Realizou-se, então, uma pesquisa de caráter qualitativo, a partir de uma análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica e documental e foi desenvolvida uma catalogação de dez folhetos, publicados a partir do ano 2000, em concordância com as teorias do jornalismo que fundamentaram a graduação, baseada em Nilson Lage e Nelson Traquina no que diz respeito à estrutura, ao texto jornalístico e critérios de noticiabilidade, e Marques de Melo no que tange a classificação dos gêneros jornalísticos. Diante disso, verificou-se que a produção paraibana de cordéis corresponde às características próprias do jornalismo.

**Palavras-chave:** Cordel. Jornalismo. Jornalismo popular. Jornalismo no cordel

## **ABSTRACT**

Considering the importance of cordel literature in Northeastern communication as a whole and the production of cordelists from Paraíba, this study aims to evaluate journalistic aspects in cordel and identify similarities between news cordels and journalistic texts. To do this, it was necessary to explore the production of Paraíba cordelists on topics that meet the criteria of newsworthiness, to verify and catalogue the journalistic genres within the cordel and to analyse the structure of the narrative and linguistic construction of the cordel in comparison with journalism. A qualitative study was carried out using content analysis and bibliographic and documentary research, and ten pamphlets published from 2000 onwards were catalogued in accordance with the theories of journalism that underpinned the degree, based on Nilson Lage and Nelson Traquina with regard to structure, the journalistic text and criteria of newsworthiness, and Marques de Melo with regard to the classification of journalistic genres. As a result, it was found that the production of cordéis in Paraíba corresponds to the characteristics of journalism.

**Keywords:** Cordel. Journalism. Popular journalism. Cordel journalism

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel desempenhou um papel importante na comunicação nordestina como um todo. Os folhetos foram, por muito tempo, segundo Assunção (2007), uma fonte de informação primária em regiões mais afastadas, como o interior nordestino, em que os meios de comunicação de massa, a exemplo do rádio e da televisão, ainda não alcançavam. Nesse contexto, os folhetos eram um meio pelo qual a informação chegava a essas comunidades. Os poetas ocupavam a posição de líderes de opinião na sua região: pessoas acessíveis e de muita influência, uma vez que eles viajavam por outras regiões e tornavam-se, segundo Joseph Luyten (1992), referência confiável no que diz respeito a entretenimento, informação e formação de opinião principalmente em regiões rurais e suburbanas. Os poetas traziam consigo as notícias traduzidas em versos segundo a sua interpretação pessoal dos fatos.

Dentro do campo da comunicação, existe a folkcomunicação, área dedicada a estudar a comunicação de pequenos grupos através da cultura popular. Apesar das suas valiosas contribuições no campo da comunicação popular, nossa intenção é analisar a produção de cordel paraibana a partir dos caracteres próprios do jornalismo.

O cordel, além de ser uma expressão cultural que revela o imaginário coletivo, contribui com a memória social, registra o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos. Ele “recodifica a notícia divulgada nos veículos de comunicação, [...] apresenta a releitura de matérias veiculadas pelos meios de comunicação, atingindo uma população que, em muitas ocasiões, não teve acesso ao jornal e é informada pelo texto poético” (IPHAN, 2018, p.55). A facilidade de compreensão que os cordéis noticiosos ou cordéis de ocasião (LUYTEN, 1941, p.12) proporcionam, fruto do trabalho dos poetas que interpretavam e traduziam as notícias para a linguagem do povo, a oralidade, ou seja, a declamação dos versos ou mesmo as cantorias, facilitando assim o entendimento daqueles que não sabiam ler, e o baixo preço dos folhetos, foram determinantes para a sua consolidação como o ‘jornal do sertão’, classificado assim pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Dossiê de Registro Literatura de Cordel (2018), desempenhando mais uma função além da literária.

Quando os poetas optam por versar sobre os fatos, eles acabam contribuindo com a memória social. “A aceleração temporal torna-se a maior e mais influente característica da narrativa na atualidade.” (PAIVA, 2006, p. 65). Em razão da velocidade com que as notícias são veiculadas na web, nos jornais, rádios e TVs, os acontecimentos vão dando espaço a novos fatos, mais graves, e de maior relevância ou importância, caindo assim no “esquecimento”. A literatura de cordel, por sua vez, permite que esses casos ganhem espaço na memória coletiva através dos folhetos. Os poetas não estão presos às amarras da instantaneidade do mundo digital, registram a informação envolvendo o leitor na teia poética, o que contribui com a perenidade dos fatos, por assim dizer. A perenidade é defendida por Felipe Pena (2007), ela é a sétima ponta da estrela construída pelo autor no campo do jornalismo literário: “Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (p.50) tal qual os cordéis que ficam ritmados na mente dos leitores e podem ser revisitados sempre que quiserem.

Dentro do campo da comunicação, existe a folkcomunicação, área dedicada a estudar a comunicação através da cultura popular. Apesar das suas valiosas contribuições no campo da comunicação popular, nossa intenção é analisar a produção de cordel paraibana a partir de caracteres próprios do jornalismo.

O que por muito tempo foi uma das principais fontes de informação do interior nordestino, hoje é símbolo cultural desse povo e Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, decretado pelo Iphan em 2018. Diante de toda essa carga histórico-cultural que a literatura de

cordel possui e representa principalmente na região Nordeste, e mais especificamente em solo paraibano, é que se faz necessário lançar luz sobre produções de cordelistas paraibanos, a fim de encontrar esse latente viés informacional tanto dos cordéis quanto dos poetas, enxergando suas valiosas contribuições culturais e sociais, incentivando-os a continuar registrando, informando e denunciando.

Para tal propósito, buscamos avaliar aspectos jornalísticos no cordel e identificar semelhanças entre os cordéis noticiosos ou de ocasião (cordéis que contêm aspectos noticiosos), de autores paraibanos, publicados a partir do ano 2000, com o texto jornalístico. De forma mais específica, buscou-se explorar a produção de cordelistas paraibanos sobre temas que atendam a critérios de noticiabilidade; verificar e catalogar os gêneros jornalísticos dentro dos cordéis; e analisar a estrutura narrativa do cordel em comparação com o texto jornalístico. Afinal, a produção de cordel paraibana tem potencial jornalístico?

## **2 CORDEL**

O cordel é um gênero poético vinculado às narrativas orais, à poesia, e aos romances em prosa trazidos pelos portugueses. “O cordel possui vínculos históricos com as narrativas orais, com a declamação, com a embolada e com a cantoria”, como aponta o Dossiê de Literatura de Cordel (IPHAN, 2018, p.56). No Brasil, os poetas uniram todas essas influências e desenvolveram um modo diferente de fazer poesia, o que, hoje, chamamos de cordel.

De acordo com o Dossiê de Registro da Literatura de Cordel, no final do século XIX o cordel se tornou um negócio promissor, cativando um público que se identificava com os romances, mas também com as narrativas que traziam informações sobre o padre Cícero, o cangaço, a Primeira Guerra Mundial e até com a passagem do cometa Halley, fazendo com que os fatos noticiados nos jornais fossem traduzidos para a narrativa em versos. No cordel, “é possível identificar a adaptação para poemas em versos de narrativas transmitidas pela oralidade, de acontecimentos de grande repercussão social, de peças de teatro, de romances e de cantorias improvisadas no repente” (IPHAN, 2018, p.76).

Ainda segundo o Dossiê, uma das estratégias usadas pelos poetas para cativar e fidelizar o seu público é transmitir além das narrativas heróicas, românticas e ficcionais os acontecimentos do cotidiano que em sua maioria são tirados das notícias: “O poeta transforma seu folheto num veículo de comunicação, repercutindo as notícias veiculadas em outros meios, como o rádio e o jornal” (IPHAN, 2018, p.76). Além de adaptar a informação para seu público, os poetas também são porta-vozes do povo, expondo e denunciando fatos do cotidiano, criticando situações políticas, econômicas e até mesmo satirizando.

O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros foi o primeiro poeta a viver exclusivamente dos folhetos, e isso foi permitido graças à consolidação da imprensa em Recife. O poeta era um observador do cotidiano e da política. Criticava o governo, os impostos, a alta dos preços e os coronéis. Foi um verdadeiro líder de opinião, pioneiro na edição de folhetos no Brasil e inspirou outros poetas a traduzirem nos folhetos “de ocasião” ou “folhetos de acontecidos” os fatos noticiados nos jornais para a narrativa em verso, de forma simples, direta e de fácil compreensão. Leandro Gomes de Barros é um dos maiores cordelistas brasileiros, autor de títulos bem conhecidos como “O Cachorro dos mortos”, “O cavalo que defecava dinheiro”, “Batalha de Oliveiros com Ferrabrás”, “História de João da Cruz”, “A confissão de Antônio Silvino”, “Suspiros de um Sertanejo” entre tantos outros.

### **2.1 Jornalismo no cordel**

No início do século XX, o acesso à informação era mais restrito, devido ao regime político da época. Por isso, para alguns, o cordel era a primeira fonte de informação. Para os



amantes da literatura popular, uma espécie de revisão. O Dossiê da Literatura de Cordel vai dizer que a presença de cordéis de ocasião pode ser notada no começo do século XX tratando de assuntos históricos e importantes:

A recorrência aos folhetos de acontecimentos pode ser percebida a partir dos poemas escritos desde o início do século XX, quando a primeira geração de cordelistas acompanha o surgimento do cangaço, a Primeira República, a Gripe Espanhola, a Primeira Guerra Mundial e a emergência romaria em torno de Padre Cícero (IPHAN, 2018, p.155).

Joseph Luyten, professor e pesquisador de Cultura Popular e Literatura de Cordel, defende em seu livro “A notícia na literatura de cordel” que a Literatura de Cordel, por meio dos folhetos noticiosos, ocupa um lugar de destaque na veiculação de notícias apesar da sua, relativamente, pequena importância comparado aos meios de grande proporção.

Apesar de, frequentemente, beber na fonte da “grande mídia”, é na convivência com os leitores, no dia a dia, inteirado da realidade e da opinião pública, que o poeta-repórter encontra a matéria-prima para a construção dos folhetos noticiosos, e é esta versão, a versão do poeta, que importará para o seu leitor: “O poeta procura a sua versão no noticiado ou ocorrido e nessa decodificação é que ele encontra utilidade de executar conscientemente o seu papel de decodificador popular. É a sua versão que vai importar em última instância” (LUYTEN, 1992, p.42).

Os folhetos de cordel apresentam, de forma simples, por vezes irônica e dramática, os fatos do cotidiano, ou histórico como catástrofes, crimes, escândalos políticos, secas, enchentes e muitos outros temas que tenham relevância e que sejam de interesse público: “O poeta recolhe, numa relação direta com seu público, a opinião sobre os acontecimentos por meio da convivência com os leitores.” (IPHAN, 2018, p.154). De acordo com o Dossiê de Registro da Literatura de Cordel, o poeta-repórter é aquele que “recorrendo à narrativa em versos, passou a ocupar um papel jornalístico, informativo e de formador de opinião” (IPHAN, 2018, p.155), versando os fatos a partir das vivências locais, dos valores morais, da perspectiva e da opinião pública, uma espécie de releitura produzida a partir da “relação entre a notícia e o imaginário social situado em determinados contextos e campos de referência próprios das comunidades em que vivem poetas e leitores” (IPHAN, 2018, p.154). Afinal, como afirma Joseph Luyten (1992): “Os seres humanos precisam de pessoas como eles que lhes comuniquem, junto com a realidade, um determinado grau de confiabilidade” (p.159).

Um dos principais poetas-repórteres foi José Soares, poeta paraibano reconhecido pelo seu faro jornalístico, que, de acordo com Joseph Luyten, noticiou a morte do papa João XXIII antes da imprensa local. Também foi ele que despertou para o problema antes de todos e denunciou a seca do Rio São Francisco. Luyten (1992) afirma que:

O poeta popular, sobretudo o de cunho jornalístico tem uma grande acuidade ao publicar seu trabalho. Ele mesmo custeia seu trabalho. E se este não agradar terá prejuízo além de menor cotação entre o seu público [...] são sempre bem pensados e escolhidos a fim de vender o máximo. Nisto, o poeta popular se iguala a qualquer secretário de redação. (p.114).

Ainda segundo Luyten (1992), no âmbito de comunicação popular: “A Literatura de Cordel é a mais bem organizada tecnicamente, e é a que mais tende a perpetuar-se como documento” (p.63). Assim como os jornais que tornam-se posteriormente acervo documental, Luyten também ressalta que “no folheto de ocasião, tudo colabora para o aspecto jornalístico” (1992, p.51), seja a capa, manchete, o texto, o título, os fatos narrados detalhadamente,

levando em consideração a proximidade, importância, relevância, critérios estes que se assemelham aos valores-notícia que norteiam as redações e selecionam o que será, ou não, noticiado.

### 3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Os critérios de notabilidade norteiam o fazer jornalístico, são eles que auxiliam os profissionais da imprensa no que tange às produções, e o que será veiculado na mídia, o que vira notícia ou não. Esses critérios são fundamentais na seleção dos fatos dentro das redações, definem o que tem valor-notícia e deve ser publicado. Nelson Traquina (2005) define o conceito de noticiabilidade como sendo: “Um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico” (TRAQUINA, 2005, p. 63). Ainda segundo ele, a construção da notícia se deve à existência dos valores-notícia.

Traquina aponta alguns critérios de noticiabilidade que possuem valores-notícia e auxiliam nesse processo de seleção e produção que acontece dentro das redações. São eles:

- A morte: sem dúvidas, esse é um critério definitivo para um fato ser de interesse jornalístico. Nelson Traquina em seu livro "Teorias do Jornalismo" enfatiza a importância desse critério: “Onde há morte, há jornalista. A morte é um valor-notícia fundamental” (TRAQUINA, 2005, p.79).
- Notoriedade: esse critério é fácil de ser identificado, principalmente em eventos políticos. Traquina classifica-o como sendo fundamental para a comunidade jornalística: “O que o Presidente da República faz é importante porque o Presidente da República é importante” (TRAQUINA, 2005, p.70).
- Proximidade: Esse critério define os fatos que tenham importância local. Por exemplo, uma barbárie em Campina Grande com certeza será noticiada na cidade, possivelmente em rede nacional e dificilmente em um país da Europa.
- Relevância: esse valor-notícia está intrinsecamente ligado à prestação de serviço que o jornalismo tem como base da profissão: “Este valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” (TRAQUINA, 2005, p.80), tanto no âmbito regional quanto nacional e internacional.
- Novidade: esse é um ponto crucial na construção da notícia. Nelson Traquina aponta que, no jornalismo investigativo, voltar a um assunto é a maior dificuldade justamente pela ausência de novidade: “O mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (TRAQUINA, 2005, p.81).
- Tempo: esse é um valor-notícia que se apresenta de maneiras diferentes. Primeiro como atualidade, depois (a data) como gancho para voltar ao assunto, como por exemplo, o aniversário de algum acontecimento, um fato importante, ou os chamados Dia D, que são caracterizados como efemérides. O valor tempo ainda se apresenta em uma terceira esfera, quando o fato é tão impactante para a comunidade que permanece como notícia por um período maior de tempo.
- Notabilidade: esse valor-notícia determina por qual ótica um fato pode ser noticiado, e é este critério que, segundo Traquina, mostra que “o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não de problemáticas” (TRAQUINA, 2005, p.82).
- Inesperado: o que surpreende a comunidade jornalística, aquilo que sai da rotina, um mega-acontecimento “que provoca um caos na redação” (TRAQUINA, 2005, p.84).

- Conflito/controvérsia: “A violência física ou simbólica, como uma disputa entre líderes políticos” (TRAQUINA, 2005, p.84). Traquina aponta ainda que a violência fornece noticiabilidade por quebrar o que consideramos normal na ordem social.
- Infração: a infração é outro valor-notícia que está ligado à violência. Os crimes violentos são veiculados com mais frequência e, quanto mais violento, mais tempo tem dentro das redações.
- Escândalo: Traquina (2005) associa esse critério ao papel mítico do jornalista como “cão de guarda” das instituições democráticas. É fácil lembrar dos escândalos de corrupção envolvendo os políticos brasileiros, pois sempre são pautas fortes nos noticiários.

Os valores-notícia são a base da produção jornalística, mas eles não são imutáveis. As mudanças ao longo do tempo, de uma região para outra, as linhas editoriais de uma empresa para outra, tudo isso interfere até certo ponto, como bem conclui Nelson Traquina: “O leque de valores-notícia é vasto; a paleta tem imensas cores” (TRAQUINA, 2005, p.95). Mas o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte e a celebridade sempre serão notícia.

#### 4 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O texto jornalístico atende a algumas regras, como visto anteriormente, e uma delas corresponde ao formato com o qual se apresenta, como notícia, reportagem, artigo de opinião, resenha, perfil, crônica e muitos outros. Além do formato, temos os gêneros, classificados segundo Marques de Melo (2016): “Informativo: vigilância social; opinativo: fórum de ideias; interpretativo: papel educativo, esclarecedor; diversional: distração, lazer; utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas” (MELO, 2016, p. 49).

Antes de destrincharmos a classificação dos gêneros, é importante salientar que os gêneros jornalísticos são importantes para facilitar a identificação do texto. Por parte do público, é uma espécie de organização, de identidade para suprir as necessidades no que tange a comunicação da sociedade, pois eles possibilitam que o público “consciente ou inconscientemente, identifique as diferentes mensagens a ela endereçadas, podendo atinar, por exemplo, para a diferença entre uma telenovela e um telejornal” (MELO, 2016, p.46). Marques de Melo classifica os gêneros e os seus respectivos formatos:

- Gênero informativo: nota; notícia, reportagem e entrevista;
- Gênero opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica;
- Gênero interpretativo: análise, perfil, enquête, cronologia, dossiê;
- Gênero diversional: história de interesse humano, história colorida;
- Gênero utilitário: indicador, cotação, roteiro, serviço.

Considerando a classificação de Marques de Melo, alguns cordéis podem apresentar, em sua narrativa, características de mais de um formato em apenas um folheto.

#### 5 LINGUAGEM E ESTRUTURA

O texto jornalístico como conhecemos é marcado por características bem estabelecidas no que tange tanto à estrutura da notícia quanto à linguagem utilizada. Sob o olhar de Nelson Traquina, os jornalistas desenvolveram uma linguagem própria: o “jornalês”, uma linguagem caracterizada por ser compreensível por todas as “classes, étnicas, políticas e sociais

existentes numa sociedade” (TRAQUINA, 2005, p.46). Segundo ele, para abranger esse público diverso, o texto jornalístico deve possuir frases curtas, parágrafos curtos, palavras simples, concisão, e ainda fazer uso de metáforas que auxiliem na compreensão do texto, que deve despertar o desejo de ser lido.

Nelson Traquina ainda afirma que o ‘jornalês’ segue um formato específico na imprensa: a Pirâmide Invertida, “um dispositivo desequilibrado que faz a listagem de unidades de informação na ordem decrescente da sua presumível importância” (TRAQUINA, 2005, p.46). Ou seja, as notícias seguem um padrão para que os leitores sejam informados de maneira mais rápida e fácil. Essa técnica hierarquiza as informações do mais importante para o menos importante, e as principais informações são dispostas no *lead*, primeiro parágrafo do texto, que por questões de praticidade e funcionalidade, segue o modelo de Lasswell, respondendo às perguntas: quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê?

Adelmo Genro Filho (1987) vai dizer que: “O lead torna a notícia mais comunicativa e mais interessante, pois otimiza a figuração singularizada da reprodução jornalística” (FILHO, 1978, p.92). De acordo com Nilson Lage: “Trata-se do relato sumário e particularmente ordenado do fato mais interessante de uma série e não do resumo da notícia toda” (LAGE, 2001, p.67). Essa característica de relatar os acontecimentos pelo fato mais importante para depois adentrar aos detalhes é própria da cultura oral, é assim que contamos fatos do dia a dia. Não é diferente nos folhetos de cordel, embora os autores possuam licença poética para “florear” os versos, os cordéis seguem a lógica jornalística no que tange à disposição da informação, porém, com uma estrutura narrativa mais próxima com os contos: com introdução, desenvolvimento e desfecho se aproximando de uma estrutura mais literária do que jornalística (GOTLIB, 1990). Geralmente, os cordéis narram os fatos de maneira mais detalhada, como no texto de reportagem, que “trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos” (LAGE, 2001, p. 30).

As narrativas dos folhetos de cordel podem se aproximar do chamado “nariz de cera”, uma vez que o poeta se empenha em chamar a atenção do leitor nos primeiros versos. Normalmente, começam pedindo licença para contar uma história, por vezes situam o público do assunto que será tratado, retendo a atenção do leitor, e só então narram o fato. Uma outra forma de chamar a atenção do público para o folheto, está relacionada à venda do cordel. São as capas com títulos e caracteres, que muitas vezes se assemelham às manchetes de capas de jornais: fortes e impactantes, fazendo com que o público se interesse pelo cordel à primeira vista. Leandro Ramires Comassetto (2001) vai dizer que é através do título que o leitor inicia a sua relação com o jornal, e aqui também aplicamos aos cordéis, pois, se o título não atrai, o público não compra. O mesmo acontece com os jornais, se pensarmos em uma banca de jornal e revista, ali vence quem primeiro reter a atenção do público, por isso as manchetes são objetivas e apelativas, “o título não precisa falar demais. Precisa, sim, dizer muito com poucas palavras” (COMASSETTO, 2001, p. 40). Reforçando essa ideia, Nilson Lage diz que: “pelo menos no caso dos títulos, em letra maior, carregando com elas as informações tidas como as mais importantes” (LAGE, 2011, p.31), entregando ao leitor o cerne do conteúdo.

## 6 METODOLOGIA

A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa de caráter qualitativo, pesquisa bibliográfica e documental. Foi desenvolvida uma catalogação de dez folhetos de cordel de autores paraibanos contemporâneos de caráter noticioso e que atendam a critérios de noticiabilidade para subsidiar a pesquisa. Alguns folhetos não possuem data de publicação, no entanto são de fatos recentes e de grande repercussão: as manifestações que ocorreram em junho de 2013, a tragédia com o time da Chapecoense, em 2016 e o estupro coletivo que aconteceu na cidade de Queimadas-PB, em 2012. Os folhetos foram do acervo da Biblioteca

Comunitária das Malvinas, e de acervo pessoal. A análise foi ancorada nas teorias do jornalismo, que fundamentaram a graduação, baseada em Nilson Lage e Nelson Traquina no que diz respeito à estrutura, ao texto jornalístico e critérios de noticiabilidade, e Marques de Melo no que tange a classificação dos gêneros jornalísticos.

Dentro deste recorte, e apoiados nesses conceitos, elaboramos um quadro e identificamos os cordéis de acordo com gênero, critérios de noticiabilidade e característica da linguagem e estrutura semelhantes ao jornalismo. Foram analisados cordéis, produzidos a partir dos anos 2000, que tratam de assuntos nacionais ou locais que sejam de interesse público e de relevância na Paraíba, ou seja, que tenham valor-notícia do ponto de vista jornalístico para avaliar o viés informacional dos folhetos na contemporaneidade.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

**Quadro 1:** Catalogação dos cordéis.

| <b>Título</b>  | <b>Autor</b>                       | <b>Cidade</b>               | <b>Gênero</b>            | <b>Crítérios de noticiabilidade</b>  | <b>Linguagem e estrutura</b>   |
|--|------------------------------------|-----------------------------|--------------------------|--|--|
| A queima de mulheres em Queimadas (Sem ano de publicação)  | Sônia Ronilda Dutra                | Campina Grande - PB         | Informativo<br>Opinativo | Morte, proximidade, relevância, inesperado, infração.                            | Título, metáfora, <i>lead</i> , assinatura.                            |
| A Revolta do Quebra-Quilos (2022)                          | Medeiros Braga                     | Nazarezinho - PB            | Informativo<br>Opinativo | Relevância, proximidade, notabilidade, notoriedade, conflito, inesperado, morte. | Título e subtítulo, capa, linguagem simples, <i>lead</i> , assinatura. |
| As manifestações de Junho (Sem ano de publicação)          | Medeiros Braga                     | Nazarezinho - PB            | Opinativo                | Relevância, notabilidade, inesperado, conflito, notoriedade, escândalo.          | Título e subtítulo, capa, linguagem simples, crítica, assinatura.      |
| A tragédia do Avião da Chapecoense (Sem ano de publicação) | José Pedro de lima (Índio)         | Dona Inês - PB              | Informativo              | Morte, proximidade, relevância, inesperado.                                      | Título, capa, <i>lead</i> , linguagem simples, assinatura.             |
| Barragem de Camará: A redenção (2011)                      | Fernando Rocha e Marinalva Bezerra | Esperança - PB (publicação) | Informativo              | Morte, inesperado, relevância.   | Título, subtítulo, <i>lead</i> , linguagem simples, assinatura.        |
| Ganhar dinheiro é fácil, basta ler                         | Manoel Monteiro                    | Campina Grande - PB         | Opinativo                | Proximidade.   | Título, linguagem e narrativa  |

|   |                            |                               |                |  |   |
|---|----------------------------|-------------------------------|----------------|--|---|
| esse cordel (2012)                                  |                            |                               |                |  | próxima à de uma crônica, assinatura.                       |
| Julgamento do Miguel Temer (Sem ano de publicação)  | José Pedro de Lima (índio) | Dona Inês - PB                | Opinativo      | Relevância, importância, proximidade, escândalo, notoriedade.  | Capa, crítica ao governo, assinatura.                       |
| Margarida vive e faz (2013)                         | Poeta Aziel Lima           | Diamante - PB                 | Informativo    | Morte, importância, tempo.                                     | Título, narrativa, apuração, linguagem simples, assinatura. |
| O misterioso atentado ao Bispo de Cajazeiras (2015) | Janduhi Dantas             | Juazeirinho - PB (publicação) | Informativo    | Inesperado, relevância, inesperado, morte, proximidade, tempo. | Título, apuração, narrativa, assinatura.                    |
| Um profeta Maluco de nome Raul Seixas (2001)        | Silas Silva                | Campina Grande - PB           | Interpretativo | Relevância, importância, notoriedade, morte.                   | Título, narrativa de perfil, assinatura.                    |

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2023.

Como mostra o quadro acima, todos os cordéis analisados se encaixam em pelo menos um gênero jornalístico, possuem critérios de noticiabilidade tal qual os jornais e apresentam características semelhantes ao jornalismo, no que tange ao texto e à disposição da informação. Os folhetos também apresentam capas com títulos, que lembram manchetes e imagens que se aproximam com a primeira página de um jornal, além da assinatura do autor sempre presente nos folhetos. A linguagem, como falado anteriormente, é fruto de uma recodificação feita pelo poeta, alguns apresentam a forma coloquial, própria da variação linguística e do caráter dialogal da oralidade da região Nordeste.

Fatos minimamente detalhados, *lead* esclarecido, perguntas respondidas, com a devida licença poética, assim é a construção de Janduhi Dantas no cordel “O misterioso atentado ao bispo de Cajazeiras”. O poeta narra com riqueza de detalhes a explosão do Cine Apolo 11, em Cajazeiras, sertão da Paraíba, e não só narra o fato, como contextualiza o leitor da época em que ocorreu: o ano, o cenário político e o sentimento geral de revolta por parte da população:

“O dia era 2 de julho  
de 75 o ano  
tempo em que o Brasil vivia  
sob um governo tirano  
de um Regime Militar  
desalmado e desumano”

Janduhi não hesita em dizer que o filme “Sublime renúncia” era muito esperado, mas que não agradara o público presente e, como um presságio, adivinhando o futuro, no filme havia a explosão de uma bomba-relógio, e o poeta, claro, não deixa passar, e escreve:

“No filme por coincidência  
também há a explosão  
de uma bomba-relógio  
fazendo a interligação  
naquele cine-teatro  
do real com a ficção.  
A bomba no Apolo 11  
dois funcionários matou  
com seu poder explosivo  
ainda dois mutilou  
boa parte do cinema  
a bomba pro ar jogou.”

Janduhi detalha a explosão, os estragos e rastros deixados por ela. Ele capta detalhes que dão ainda mais proximidade, envolvendo seu público na narrativa. O poeta segue, como um repórter, identificando as vítimas e seu estado de saúde. Como um repórter investigativo, conclui que o alvo do atentado era o então Bispo de Cajazeiras, Dom Zacarias Rolim. Por fim, o poeta traça um perfil do bispo, critica o governo e a diocese, e ainda denuncia a censura da imprensa na época:

“As rádios nada falavam  
sobre a bomba, o atentado  
só davam notícia sobre  
as vítimas e seu estado:  
foi todo noticiário  
pelo Exército controlado.”  
(O misterioso atentado ao Bispo de Cajazeiras)

No cordel, o poeta faz um levantamento do acontecido, uma apuração tal qual propõe o jornalismo investigativo, lembrando um caso emblemático, no aniversário de quarenta anos do atentado, prática frequente no jornalismo. Essa prática é chamada efeméride, quando o jornalismo utiliza as datas de aniversário como gancho para a matéria. A mesma prática está presente no cordel do poeta Aziel Lima “Margarida vive e faz”. Ele traça com riqueza de detalhes o perfil de Margarida Alves, vida, lutas e morte, um caso que vez ou outra é pautado na grande mídia. Aziel Lima passeia por dados processuais, busca depoimentos, ouve parentes e amigos, tal qual o jornalismo, para contar a história de maneira fiel:

“Caros leitores afirmo  
que para escrever sua história  
derramei lágrimas na hora  
que tive que acompanhar  
depoimentos de amigos e parentes  
desabafos, choros, lamentos  
de quem procurou justiça  
e nunca pode encontrar”  
(Margarida vive e faz)

Nos cordéis de Medeiros Braga, avaliados nesse recorte, nota-se uma constante: o poeta trata de manifestações populares. No cordel “A revolta do quebra-quilos”, o poeta faz um apanhado histórico, contextualiza o público da situação política e econômica do país, explica como a mudança no sistema de pesos e medidas desagradou a população, e narra como a revolta se deu. Semelhantemente, Medeiros Braga discorre sobre as manifestações de junho, “os vinte centavos que mudaram o Brasil”. O autor critica firmemente o governo levando o leitor a refletir sobre os políticos e os poderes no país. Como um “especialista” no assunto, o poeta defende o povo e seus direitos, questiona educação, saúde e segurança, cumprindo a função social que o jornalismo se propõe, pautado pelos critérios de noticiabilidade próprios do jornalismo.

A barbárie que aconteceu na cidade de Queimadas, em 2012, quando um estupro coletivo planejado contra cinco mulheres durante uma festa resultou no assassinato de duas delas, também foi pauta na literatura de cordel. A poeta Sônia Ronilda Dutra trouxe para a narrativa em verso o caso que tomou o noticiário, e que ainda busca por justiça. No cordel, a autora, tal qual uma reportagem em profundidade, traz o fato detalhado mostrando o grau de crueldade do “crime hediondo”, do plano macabro à concretização do ato. A poeta envolve o leitor, traçando o perfil das vítimas, passeando pela vida de cada uma individualmente:

“Todos eles combinados;  
Para uma pseudo festa;  
Muito bem arquitetados;  
Comprando assim para esta  
Cordas e enforcadores;  
Munição, e outros horrores;  
Miséria escrita na testa”

(A queima das mulheres em Queimadas)

A narrativa dos cordéis analisados, em sua maioria, se aproxima da reportagem, que difere da notícia. Segundo Nilson Lage (2001), a reportagem “trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos [...] A reportagem é planejada [...] a notícia não” (p. 30). Observou-se que a construção das narrativas, em linhas gerais, apresenta o fato que deu origem ao cordel, mas não só isso, os poetas se empenham em explicar o contexto, abordar a problemática que resultou no fato noticiado: tratam de assuntos. Podemos confirmar essa afirmação nos folhetos sobre Margarida Alves, sobre a vida e morte de Raul Seixas, sobre o estupro coletivo em Queimadas, o cordel da queda do avião com o time da Chapecoense, a revolta do quebra-quilos, as manifestações de junho e o do atentado em Cajazeiras. Apesar de tratarem de assuntos diferentes, de serem de autores diversos e cada um ter particularidades na escrita, os folhetos possuem riqueza em detalhes que normalmente são trazidos em reportagens, artigos de opinião, comentários, materiais que demandam tempo e estudo para serem produzidos.

De acordo com o levantamento realizado, na literatura de cordel, o autor se sente livre para opinar sobre os fatos narrados, os folhetos carregam os sentimentos do poeta impressos em suas pequenas páginas, abastecidos de críticas sociais, denúncias e questionamentos sobre assuntos importantes que pautam o cotidiano do povo, como é o caso do cordel sobre Michel Temer, que, além de criticar, satiriza o processo que envolveu o ex-presidente e todo o escândalo de corrupção à época no Brasil. Outro poeta que levanta pautas importantes comuns à sociedade é Manoel Monteiro. Em seu cordel “Ganhar dinheiro é fácil, basta ler esse cordel”, ele não deixa de, em meio aos versos, pautar assuntos como educação, equidade e a



vida difícil do interior. A denúncia também se faz presente nos versos de Fernando Rocha e Marinalva Bezerra. No cordel fica claro a negligência do poder público em relação ao risco iminente do rompimento da barragem de Camará:

“No ano dois mil e quatro  
A tristeza foi demais!  
Depois de tanta promessa  
De tanto correr atrás  
Aconteceu a tragédia  
Assustou moça e rapaz!

Para uns ao construir  
Houve a falta de atenção  
Para outros o pecado  
Foi não ter manutenção  
O fato é que acabaram  
Com o sonho da redenção.”  
(Barragem de Camará: A redenção)

Neste arcabouço literário, é importante observar a semelhança do cordel com jornalismo, no que tange ao título dos folhetos. A maioria deles poderia ser facilmente usada em uma manchete de jornal ou títulos de perfis longos e profundos. São fortes, impactantes e atraentes: “Um profeta Maluco de nome Raul Seixas”, de Silas Silva, claramente um perfil desbravando a vida do cantor que morreu jovem, mas deixou marcas que ressoam até hoje, assim como “Margarida vive e faz”, de Aziel Lima.

Para além dos versos, alguns dos cordéis analisados trazem um resumo do fato na contracapa do folheto, assim o leitor pode ser inteirado do assunto antes de começar a leitura. Esse cuidado por parte dos autores reforça ainda mais o caráter jornalístico na literatura de cordel. Na narrativa em verso os poetas imprimem a informação na mente do leitor, fortalecendo a memória coletiva, impedindo que os fatos caiam facilmente no esquecimento.

## 8 CONCLUSÃO

Conclui-se então, que a literatura de cordel paraibana é rica em informação, sua importância na comunicação nordestina é validada pelo potencial jornalístico presente nos folhetos. Através da exploração, catalogação e análise dos cordéis dentro do recorte estabelecido, notou-se a presença de características próprias do jornalismo, como a presença de elementos do *lead* com as perguntas básicas respondidas, dada a devida licença poética, critérios de noticiabilidade claros e a identificação de gêneros jornalísticos, em sua maioria informativos e opinativos, além de características como título e capas que se assemelham com as páginas dos jornais.

A análise do conteúdo de alguns folhetos revela a atenção do poeta em informar o seu público de forma clara e rápida sobre o conteúdo do cordel, deixando na contracapa um breve resumo do fato que deu origem à narrativa. Os folhetos cumprem a função social do jornalismo de informar. Os cordéis são repletos de críticas, denúncias, sátira e informação: informações precisas e não baseadas em achismos, apesar da interpretação pessoal do autor, impressa nas páginas. É possível observar o empenho dos poetas em retratar o fato com fidedignidade, bebendo na fonte da grande mídia, mas não só isso, muitos deles precisaram

adentrar em processos judiciais, ouvir testemunhas, apurar os fatos para então versar sobre eles.

A produção de cordel na Paraíba esbarra na periodicidade, na constância em comparação ao jornalismo, muito embora não trate de notícias diárias, trata de assuntos: assuntos de interesse público e relevância social. E, assim como o jornalismo, o cordel de ocasião cumpre a função social de informar e denunciar a partir do olhar atento, da perspectiva e das vivências do poeta.

## REFERÊNCIAS

COMASSETTO, L.R. **As razões do título e do lead: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia**. 2001. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, UFSC, Santa Catarina, 2001.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide para uma teoria marxista do jornalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Tchê Editora, 1987. 109 p. Disponível em: [https://acervo-digital.espm.br/Artigos/Estudos%20de%20caso/2011/13%20-%20O\\_segredo\\_da\\_piramide-Adelmo%20Genro%20Filho.pdf](https://acervo-digital.espm.br/Artigos/Estudos%20de%20caso/2011/13%20-%20O_segredo_da_piramide-Adelmo%20Genro%20Filho.pdf). Acesso em: 06 out. 2023.

GOTLIB, N, B. **Teoria do conto**. 1998, ed: Editora Ática: São Paulo, 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Literatura de cordel dossiê de registro**. 2018. Disponível em: <https://docslib.org/doc/11230201/literatura-de-cordel-dossi%C3%AA-de-registro>. Acesso em: 25 mar. 2023.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª ed. Florianópolis: Ufsc, 2001. 107 p. Disponível em: [http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia\\_comp\\_.pdf](http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia_comp_.pdf). Acesso em: 04 abr. 2023.

LUYTEN, J. M. **A notícia na literatura de cordel**. Estação Liberdade, 1984

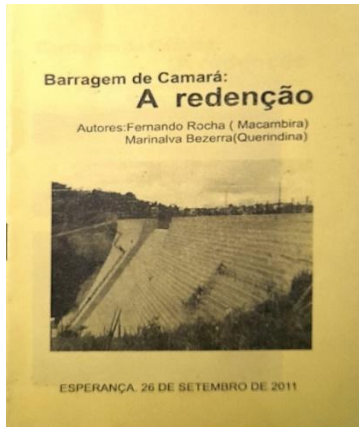
MELO, J. M. ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n.1, p. 39-56, 2016.

PENA, F. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, n. 17, p. 43-58, 2007.

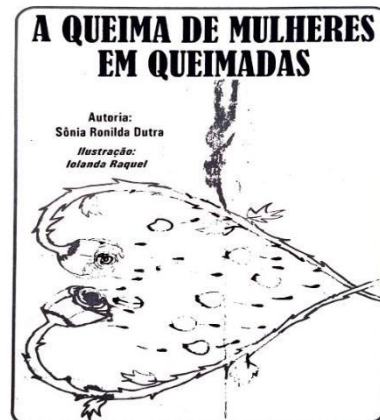
PAIVA, R. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista Famecos**, v. 13, n. 30. Porto Alegre: 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística—uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005, 216 p. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina-2nv83gmw10lk>. Acesso em: 09 abr. 2023.

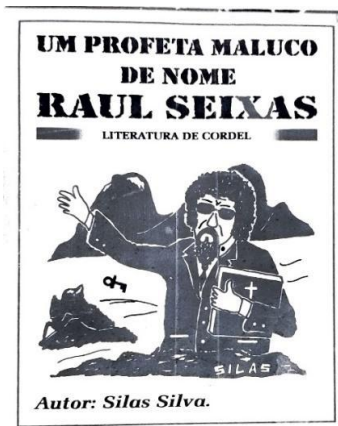
## ANEXOS



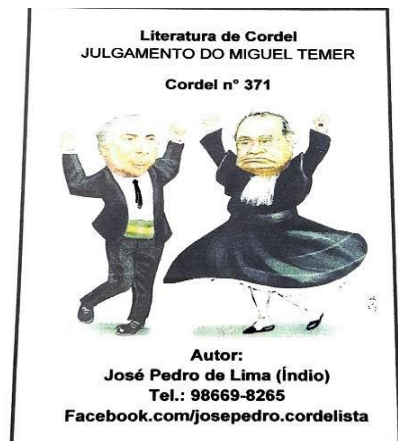
Anexo A: Cordel: Barragem de Camará: A redenção



Anexo B: Cordel: A queima de mulheres em Queimadas



Anexo C : Cordel: Um profeta maluco de nome Raul Seixas



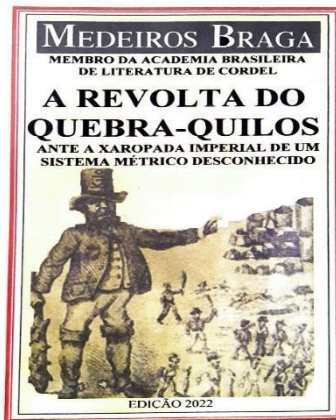
Anexo D: Cordel: Julgamento de Miguel Temer



Anexo E: Cordel: Ganhar dinheiro é fácil



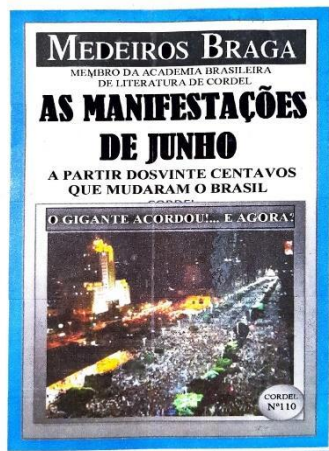
Anexo F: Cordel: Tragédia com o avião da Chapecoense



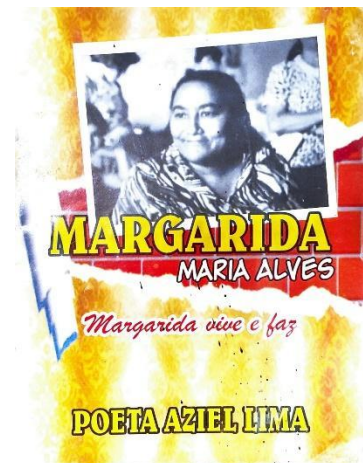
Anexo G: Cordel: A revolta de Quebra-quilos



Anexo H: Cordel: O misterioso atentado ao bispo de Cajazeiras



Anexo I: Cordel: As manifestações de Junho



Anexo J: Cordel: Margarida vive e faz

## AGRADECIMENTOS

Em breves, mas sinceras palavras, agradeço a Deus, que, por sua infinita misericórdia, demonstrou graça em todo o tempo, e com amor se fez presente em toda minha caminhada. Seu cuidado e provisão são notáveis a todo momento.

Agradeço de coração aos meus pais, que nunca desistiram de mim e acreditaram muito mais do que eu que isso seria possível. Lutaram bravamente contra as adversidades da vida, sempre acreditando na educação como um agente transformador, e nunca podaram nossos sonhos, meus e da minha irmã. Erika, obrigada por me incentivar a trilhar o caminho para o ensino superior, mostrando que filhos de agricultores também podem se formar. Por mais difícil que seja o caminho, juntos podemos ir mais longe.

Minha gratidão se estende à minha família, em especial à Dona Izabel, minha avó, Sintia, Ivanildo e a pequena Isadora. Agradeço também a minha tia Cida, a Natan, Karla e às crianças que me acolheram em tempos de incerteza. Um super obrigado, cheio de afeto, a Emanuel e Rayane, que abriram as portas de sua casa e me receberam como parte da família. Agradeço também aos meus amados irmãos, vossas orações foram fundamentais. Como costume dizer, muitas mãos me trouxeram até aqui e muitas outras me sustentaram. Tudo isso é graça de Deus.

Louvo ao Senhor pelos amigos que me deu durante os últimos quatro anos, em especial pela vida de Eva Leite e sua família, que estiveram ao meu lado o tempo todo. Agradeço pela parceria, amizade e incentivo nos âmbitos acadêmico, pessoal e profissional.

Ao meu orientador, quero expressar minha profunda gratidão por tornar este trabalho um processo leve e agradável. Agradeço profundamente pela paciência, constância e pelos valiosos ensinamentos. A cada orientação, uma injeção de ânimo, assim foram os últimos meses. Agradeço também aos professores da banca examinadora que contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

Este trabalho é fruto de muita dedicação e esforço. Até aqui nos ajudou o Senhor!